

# MANIFESTO EM DEFESA DO RITMO

HENRI MESCHONNIC

TRADUÇÃO DE CÍCERO OLIVEIRA

Hoje, para ser um sujeito, para viver como um sujeito, preciso fazer um lugar para poemas. Um lugar. O que vejo a maioria ao meu redor chamar de poesia tende estranhamente, insuportavelmente, a recusar um lugar, seu lugar, ao que chamo de poema.

Há, em uma poesia à francesa, por razões que não são estranhas ao mito do gênio da língua francesa, a institucionalização de um culto feito à poesia, que produz uma ausência programada do poema.

Modas sempre existiram. Mas essa moda exerce uma pressão, a pressão de diversos academicismos acumulados. Pressão atmosférica: os “ares do tempo”.

Contra essa asfixia do poema pela poesia, há uma necessidade de manifestar, de manifestar o poema, uma necessidade que alguns sentem periodicamente, de fazer sair uma palavra sufocada pelo poder dos conformismos literários, que não fazem nada além de estetizar esquemas de pensamento, que são esquemas de sociedade.

Uma idolatria da poesia produz fetiches sem voz, que se consideram e são considerados como poesia.

Contra todas as poetizações, digo que somente há poema se uma forma de vida transforma uma forma de linguagem e, de maneira recíproca, se uma forma de linguagem transforma uma forma de vida.

Digo que é somente assim que a poesia, como atividade de poemas, pode viver em sociedade, pode fazer pelas pessoas aquilo que somente um poema pode fazer e que, sem eles, sequer perceberão que se dessubjetivam, que se deshistoricizam, para eles mesmos não serem nada mais que produtos do mercado das ideias, do mercado dos sentimentos e dos comportamentos.

Em vez de a atividade de tudo aquilo que é poema contribuir, como somente ela pode fazer, para constituí-los como sujeitos. Não há sujeito sem sujeito do poema.

Pois se o sujeito do poema falta aos outros sujeitos dos quais cada um de nós é a resultante, há, ao mesmo tempo, uma falta específica e a inconsciência desta falta, e esta falta atinge todos os demais sujeitos. Somos o treze da dúzia de

padeiro<sup>1</sup> dos sujeitos. E não é o sujeito freudiano que vai nos salvar. Ou que vai salvar o poema.

Somente o poema pode unir, manter o afeto e o conceito em um só bocado de palavra que age, que transforma os modos de ver, de ouvir, de sentir, de compreender, de dizer, de ler. De traduzir. De escrever.

Algo em que o poema é radicalmente diferente do relato, da descrição. Que nomeiam. Que permanecem no signo. E o poema não é signo.

O poema é o que nos ensina a não mais nos valermos da linguagem. É o único a nos ensinar que, contrariamente às aparências e aos hábitos de pensamento, não nos valemos da linguagem.

O que não significa, segundo uma reversibilidade mecânica, que a linguagem se valha de nós. O que, curiosamente, teria mais pertinência, com a condição de delimitar essa pertinência, de limitá-la às manipulações típicas, como as que comumente provêm da publicidade, da propaganda, o todo-comunicacional, a não informação, e todas as formas de censura. Não é a linguagem, porém, que se vale de nós. São os manipuladores, que agitam as marionetes que somos entre suas mãos, são eles que se valem de nós.

Mas o poema faz de nós uma forma-sujeito específica. Ele ativa em nós um sujeito que não seríamos sem ele. E isso, por meio da linguagem. É nesse sentido que ele nos ensina que não nos valemos da linguagem. Mas nos tornamos linguagem. Já não é mais possível se contentar em dizer, a não ser como uma prévia, mas muito vaga, que somos linguagem. É mais justo dizer que nos tornamos linguagem. Mais ou menos. Questão de sentido. De sentido da linguagem.

Mas somente o poema que é poema nos ensina. Não o que se parece com a poesia. Prontas. De antemão. O poema da poesia. Ele, por sua vez, apenas é parte de nossa cultura. Variável também. E na medida em que nos engana, fazendo-se passar por um poema, ele é algo nocivo. Pois confunde, simultaneamente, a relação de nós mesmos como sujeito e a relação de nós mesmos nos tornando linguagem. E ambos são inseparáveis. Esse produto tende a fazer e a refazer de nós um produto. Em vez de uma atividade.

É por isso que a atividade crítica é vital. Não destrutiva. Não, construtiva. Construtora de sujeitos.

Um poema transforma. Por isso nomear, descrever não valem de nada ao poema. E descrever é nomear. Por isso o adjetivo é revelador. Revelador da

<sup>1</sup> [N.T.] Em francês, *treize à la douzaine*, expressão que data do século XIII, quando Henrique III, rei da Inglaterra, criou uma lei regulando a produção de pão e cerveja, a qual previa duras punições aos padeiros que não fornecessem produtos na quantidade e qualidade exigida por lei. Sendo assim, para evitar inconvenientes, eles passaram fornecer um pão a mais para cada dúzia, isto é, treze em vez de doze (uma dúzia). A expressão, desta forma, denota excesso, algo a mais do que o esperado.

confiança na linguagem, e a confiança na linguagem nomeia, ela não cessa de nomear. Vejam os adjetivos.

É por isso que celebrar, quem foi tão tomado pela poesia, é inimigo do poema. Porque celebrar é nomear. Designar. Desfiar substâncias segundo o rosário do sagrado instituído pela poesia. E ao mesmo tempo aceitar. Não somente aceitar o mundo tal como ele é, ignóbil “só tenho coisas boas a dizer sobre” de Saint-John Perse, mas aceitar todas as noções da língua através das quais ele é representado. O vínculo impensado entre o gênio do lugar e o gênio da língua.

Um poema não celebra, transforma. É assim que tomo o que dizia Mallarmé: “A Poesia é a expressão, por meio da linguagem humana devolvida a seu ritmo essencial, do sentido misterioso dos aspectos da existência: ela dota assim de autenticidade nossa morada e constitui a única tarefa espiritual”. Ali onde alguns acreditavam que isso é algo *démodé*.

Para o poema, reservo o papel supremo do ritmo na constituição dos sujeitos-linguagem. Porque o ritmo já não existe mais, mesmo se alguns iletrados não se tenham dado conta disso, a alternância do pan-pan na bochecha do metricista metrônomo. Mas o ritmo é a organização-linguagem do contínuo de que somos feitos. Com toda a alteridade que funda nossa identidade. Vamos, metricistas, basta-lhes um poema para perder o equilíbrio [*perdre le pied*].

Porque o ritmo é uma forma-sujeito. A forma-sujeito. Que renova o sentido das coisas, que é por ele que temos acesso ao sentido do qual temos que nos desfazer, que em torno de nós se faz por se desfazer, e que, aproximando-se dessa sensação de tudo em movimento, nós mesmos somos uma parte deste movimento.

E se o ritmo-poema é uma forma-sujeito, o ritmo não é nada além de uma noção formal, a forma em si mesma não é mais uma noção formal, a do signo, mas uma forma de historicização, uma forma de individuação. Abaixo a velha dupla forma e sentido. É poema tudo o que, na linguagem, realiza esse recitativo que é uma máxima subjetivação do discurso. Prosa, verso ou linha.

Um poema é um ato de linguagem que tem lugar somente uma vez e recomeça sem cessar. Porque faz sujeito. Não deixa de fazer sujeito. De você. Quando ele é uma atividade, não um produto.

Maneira mais rítmica, mais linguagem, de transpor o que Mallarmé chamava de “autenticidade” e “morada”. Morada, termo ainda mais estático para dizer a própria instabilidade. Mas “a única tarefa espiritual”, sim, diria novamente sim, neste mundo carregado pela vulgaridade dos conformismos e pelo mercado do signo, ou então renunciar a ser um sujeito, uma historicidade em curso, para não ser nada além de um produto, um valor de troca dentre as outras mercadorias. O que a tecnização do todo-comunicacional só faz acelerar.

Não, as palavras não são feitas para designar as coisas. Elas estão ali para nos situar entre as coisas. Vê-las como designações é mostrar que se tem a mais pobre ideia da linguagem. A mais comum também. É o combate, desde sempre, do poema contra o signo. David contra Golias. Golias, o signo.

Por isso acredito que se equivocam ao vincular agora e sempre, em Mallarmé, “a ausente de todos os buquês” à banalidade do signo. O signo ausência das coisas. Sobretudo quando se opõe à “verdadeira vida” de Rimbaud. É permanecer no descontínuo da linguagem oposto ao contínuo da vida. Mallarmé, por sua vez, sabia que sobre uma pedra, “as páginas se fechariam mal”.

É aqui que o poema pode e deve vencer o signo. Devastar a representação convencionada, ensinada, canônica. Porque o poema é o momento de uma escuta. E o signo só nos dá a ver. Ele é surdo e ensurdece. Somente o poema pode nos conectar com a voz, nos fazer passar de voz em voz, nos tornarmos uma escuta. Dar-nos toda a linguagem como escuta. E o contínuo dessa escuta inclui, impõe um contínuo entre os sujeitos que somos, a linguagem que nos tornamos, a ética em ato que é essa escuta, donde uma política do poema. Uma política do pensamento. A defesa do ritmo.

Daí a derrisória do interminável retorno dos poetas ao poetismo de mármore, em Hölderlin, de “o homem habita [ou vive] poeticamente nesta terra – *dichterisch wohnt der Mensch auf dieser Erde*”, um Hölderlin atravessado pela essencialização Heidegger, onde se encontra um pseudosublime da moda. Não, claro. O homem vive semioticamente nesta terra. Mais do que nunca. E não creiam que estou contra Hölderlin. Não, estou contra o *efeito* Hölderlin, o que não é a mesma coisa. Contra a essencialização em cadeia da linguagem, do poema (com o neopindarismo que sai dele, e está na moda), e a essencialização da ética e do político.

O poetismo é o alibi e a manutenção do signo. Com sua citação-cliché de rigor, a roda de orações da poetização: “e para que poetas em tempo de miséria? – *und wozu Dichter in dürftiger Zeit?*”.

É – sim, é assim – contra isso que é preciso poema, outra vez poema, sempre poema. Ritmo, outra vez ritmo, sempre ritmo. Contra a semiotização generalizada da sociedade. Da qual alguns poetas acreditaram, ou fingem, escapar pelo lúdico. O amor da poesia, em vez do poema. Cavando suas covas com suas rimas. Miséria poética mais que tempos de miséria.

Há que se pensar a clareza do poema. Daí o desafio, a necessidade de desvencilhar Mallarmé das interpretações que continuam a fazê-lo recair continuamente no signo, isolando há quarenta anos as mesmas palavras, o “desaparecimento ilocutório do poeta”. Mas nunca “o poema, enunciador”. Mallarmé-sintoma. Reduzido somente a questões de sentido. O que permite

continuar vendo-o como um poeta difícil, o poeta do difícil. O obscuro. Nenhuma mudança, ou muito pouca, desde Max Nordau. Sempre os imbecis do presente.

Diminuindo Mallarmé frente a sua época. Duplamente encerrado, Mallarmé: no signo e no simbolismo. Vetustices, “a explicação órfica da Terra”. O modo complacente de continuar a não pensar o poema. Sacralizando a poesia.

A aposta de fazer ouvir a oralidade e a clareza de Mallarmé é o poema. Contra a estupidez erudita do signo.

A aposta de *sugerir* contra o *nomear* como um universal do poema. Portanto, um universal da linguagem. Não é possível ser mais claro, como ele dizia: “trabalhar com o mistério em vista do mais tarde ou do nunca”.

Então, ao contrário daqueles que já não creem na palavra de Mallarmé sobre a “explicação órfica da Terra”, e sem perder mais tempo com alguns descritivistas enumeradores de nomes de cidades, diria que o poema, o menor poema, uma *copla* espanhola, é o relevo do desafio postergado, eludido pelo “Livro” não realizado de Mallarmé, essencializando a poesia em vez de entender as formas incessantemente renovadas da “Odisseia moderna” no próprio Mallarmé, naquilo que ele escreveu mais do que naquilo que ele não escreveu, e em todas as vozes que foram sua própria voz.

Porque, a cada voz, Orfeu muda, e recomeça. Uma Odisseia recomeça. É preciso ouvi-la, homens de pouca voz.

Com um poema, não é uma visão que se põe em prática, como toda uma tradição poética inicialmente, poetizante em seguida, acreditou. Mas “o único dever do poeta”, para voltar a Mallarmé, pois a princípio há um, e somente o poema pode nos dar o que somente ele faz, a escuta de tudo o que não se sabe que se ouve, de tudo o que não se sabe que se diz e de tudo que não se sabe dizer, porque se acredita que a linguagem é feita de palavras.

Orfeu foi um dos nomes do desconhecido. Um erro grosseiro e comum é considerá-lo agarrado ao passado. Enquanto que o que ele designa continua em cada um de nós.

E a Odisseia, a “Odisseia moderna” de que fala Mallarmé, outro erro grosseiro foi, e continua sendo, confundi-la com as viagens e seus relatos, com a decalcomania das epopeias e do preconceito reinante. O mesmo que confundir o monumental e o superdimensionado. O poema mostra que a odisseia está na voz. Em toda voz. A escuta é sua viagem.

E se a escuta é a viagem da voz, abole-se, então, a oposição acadêmica entre o lirismo e a epopeia. Assim como a definição, já tomada por Poussin de um italiano do século XVI, antes de ser repetida por Maurice Denis, da pintura como “cores

juntas em certa ordem” anula de antemão a oposição entre o figurativo e o abstrato.

Fica somente: é pintura ou não é pintura. Como já dizia Baudelaire. É um poema ou não é poema. Parece. Faz tudo para parecer. Parecer-se com a poesia. Parecer-se com pensamento. Pois há um poema do pensamento, ou então não há nada mais que símil. Manutenção da ordem.

Sim, num sentido novo, todo poema, se for um poema, uma aventura da voz, não uma reprodução variável da poesia do passado, tem epopeia em si. E deixa para o museu das artes e tradições da linguagem a noção de lirismo que alguns contemporâneos tentaram pôr novamente em moda, fazendo-lhe dizer um rosário de tradicionalismos: as confusões entre o eu [*je*] e o mim [*moi*], entre a voz e o canto, entre a linguagem e a música, numa ignorância comum do sujeito do poema. Confusões, é verdade, que o próprio passado da poesia contribuiu para criar.

Mas o poema dá sinal [*fait signe*] de vida. Isso que se parece com ele, porque quer *ter* a poesia, ter sua aparência ou senão ter seu ser, dá sinal [*fait signe*] de livro.

Consequência: esta oposição retoma a que comumente se faz entre a vida e a literatura. E um poema é o que mais se opõe à literatura. No sentido do mercado do livro. Um poema se faz na reversibilidade entre uma vida tornada linguagem e uma linguagem tornada vida.

Fora do poema abundam pretensionismos de toda sorte, essas montagens que continuam repetindo o contrassenso tão difundido sobre a frase de Rimbaud: “É necessário ser absolutamente moderno”. Decididamente, nada mais atual do que “Diante da agressão, retorquir que alguns contemporâneos não sabem ler”, de Mallarmé. Novamente o imbecil do presente, que fala, nesse contrassenso. O mesmo imbecil da linguagem.

Um poema é feito do verso a que se vai,<sup>2</sup> que não se conhece, e daquilo de que se deixa para trás, que é vital reconhecer.

Para um poema, é preciso aprender a recusar, a trabalhar toda uma lista de recusas. A poesia não muda senão se a recusarmos. Assim como o mundo só muda por aqueles que o recusam.

Dentre minhas recusas, coloco: não ao signo e à sociedade. Não a essa miséria empolada que confunde a linguagem e a língua, e fala apenas da língua sem saber o que ela diz, de uma memória da língua, como se a língua fosse um sujeito, e de uma relação essencial entre o alexandrino e o gênio da língua francesa. Não se esqueçam de respirar em todas as doze sílabas. Tenham o coração metrificado. Mitologia que,

<sup>2</sup> [N.T.] Em francês, *de ce vers quoi on va*. Ouve-se na preposição *vers* (rumo a, em direção a) também o substantivo *vers* (verso), pois são homófonos e homógrafos.

sem dúvida, é alheia ao retorno desempenhado pelo lúdico, à moda da versificação acadêmica. E se era para rir, fracassou. Aristóteles já havia reconhecido aqueles que escrevem em verso para ocultar que não têm nada a dizer.

Não ao consenso-signo, na semiotização generalizada da comunicação-mundo.

Não, não vamos às coisas. Uma vez que não deixamos de transformá-las ou ser transformados por elas, através da linguagem.

Não à fraseologia poetizante que fala de um contato com o real. À oposição entre a poesia e o mundo exterior. Que leva apenas a falar de. Enumerar. Descrever. Nomear de novo. Não é o mundo que está ali, é a relação com o mundo. E essa relação é transformada por um poema. E a invenção de um pensamento é esse poema do pensamento.

Não, a poesia não está no mundo, nas coisas. Contrariamente ao que disseram os poetas. Imprudência de linguagem. Só pode estar no sujeito que está sujeito ao mundo e à linguagem como o sentido da vida. Confundira-se o sentido das coisas e as próprias coisas. Uma confusão que leva a nomear, a descrever. Ingenuidade rapidamente punida. A prova, se preciso fosse, de que a poesia não está no mundo é que os não poetas estão nele assim como os poetas, e não fazem disso um poema. Um cavalo dá uma volta ao mundo continua sendo um cavalo.

Viver não basta. Todo mundo vive. Sentir não basta. Todo mundo é sensível. A experiência não basta. O discurso sobre a experiência não basta. Para que haja um poema.

Não à ilusão de que o viver precede o escrever. Que ver o mundo modifica o olhar. Quando é o contrário: a exigência de um sentido que não está ali e a transformação do sentido por todos os sentidos que muda a nossa relação com o mundo.

Se viver precede escrever, a vida é só a vida, a escrita é só literatura. E isso se vê. Deve-se, ao menos, aprender a reconhecê-lo. O ensino deveria contribuir para isso.

Não ao ver preso para ouvir. Alguns poetas acreditaram falar de poesia apostando tudo no ver, no olhar. Falta de sentido da linguagem. As revoluções do olhar são efeitos, não causas. Uma maneira de falar que mascara seu próprio impensado. A forte oposição passa entre o pensamento por preconceitos, e pensar sua voz, ter a voz no pensamento.

Não ao rimboudismo que vê Rimbaud – a poesia em sua partida fora do poema. Não quando se opõe dentro e fora, o imaginário e o real, essa evidência aparentemente indiscutível. Impede de pensar que somos apenas a relação entre ambos.

Não à metáfora capturada pelo pensamento das coisas, quando não é nada além de uma forma de andar em volta, o bonito, em vez de ser a única maneira de dizer.

Não à separação entre o afeto e o conceito, esse clichê do signo. Que não faz apenas o símil-poema, mas também o símil-pensamento.

Não à oposição entre individualismo e coletividade, esse efeito social do signo, esse impensado do sujeito, portanto do poema, que faz da literatura, da poesia um jogo de tabuleiro, essa cantilena brega do renga – esses supostos poemas feitos aos montes.

Não à confusão entre subjetividade, essa psicologia, em que o lirismo permanece preso, esses metros que fazemos cantar, e a subjetivação da forma-sujeito que é o poema.

Não, não quando se opõe, muito comodamente, a transgressão à convenção, a invenção à tradição. Porque existe, há tempos, um academicismo da transgressão assim como existe um academicismo da tradição. E porque, em ambos os casos, opõe-se o moderno ao clássico, misturando o clássico ao neo-retrô, e nos dois casos, desconheceu-se o sujeito do poema, sua invenção radical que sempre fez o poema, e remete essas oposições à sua confusão, ao seu impensado, que mascara o peremptório do mercado.

Não também à facilidade que opõe o fácil e o difícil, a transparência à obscuridade, os clichês sobre o hermetismo. O signo está ali para muitos, o que irracionaliza seu próprio impensado, que ele torna, com efeito, obscuro. Sua clareza é obscura. Como a clareza francesa. Mas o poema não se engana com esse velho truque.

Não à poesia na mira do poema, porque tão logo é uma intenção. De poesia. Que, portanto, só pode dar literatura. A poesia de poesia não sendo mais poesia do que o sujeito filosófico é o sujeito do poema.

Manifestar não é dar lições nem predizer. Há um manifesto quando há algo intolerável. Um manifesto não pode mais tolerar. Por isso é intolerante. O dogmatismo mole, invisível, do signo, não passa, por sua vez, por intolerante. Mas se tudo nele fosse tolerável, não haveria necessidade de um manifesto. Um manifesto é a expressão de uma urgência. Correndo o risco de passar por incongruente. Sem risco, tampouco haveria manifesto. O liberalismo não mostra que é a ausência de liberdade.

E um poema é um risco. O trabalho de pensar também é um risco. Pensar o que é um poema. O que faz de um poema um poema. O que deve ser um poema para ser um poema. E um pensamento para ser pensamento. Esta necessidade, pensar inseparavelmente o valor e a definição. Pensar essa inseparação como um universal do poema e do pensamento. Sua historicidade, que é sua necessidade.

Ainda que este pensamento seja especial, por princípio sempre teve lugar em uma prática, sempre será necessariamente verdadeiro. Não é, portanto, em absoluto uma lição para o que chamamos de século vindouro. Nada mais do que



o balanço acadêmico do século. Este efeito de linguagem, o efeito-temporalidade do signo. O descontínuo do secularismo.

Em suma, o poema manifesta e há que se manifestar pelo poema a recusa da separação entre a linguagem e a vida. Reconhecê-la como uma oposição não entre a linguagem e a vida, mas entre uma representação da linguagem e uma representação da vida. O que restitui a pretensa interdição de Adorno (que é bárbaro e impossível escrever poemas depois de Auschwitz), que alguns pensam inverter fazendo Paul Celan desempenhar esse papel de inversor, ao passo que eles permanecem no mesmo impensado, o que Wittgenstein mostrava pelo exemplo da dor. Ela não pode se dizer. Mas, justamente, um poema não diz. Faz. E um pensamento intervém.

Essa recusa, todas estas recusas são indispensáveis para que venha um poema. Na escrita.

Na leitura. Para que a vida se transforme em poema. Para que um poema transforme o viver.

O cúmulo, nisso que assume ares de paradoxo, é que não se trata de nada além de obviedades. Mas desconhecidos. É o cômico do pensamento.

Mas só por essas recusas, que são os batimentos do pensamento, para respirar no irrespirável, é que sempre houve poemas. E que um pensamento do poema é necessário à linguagem, à sociedade.

Agosto/Novembro 1999

NOTA BENE: Esta, de 2 de novembro de 1999, constitui a segunda e provisoriamente definitiva versão.



chão da feira

Este é o Caderno de Leituras n.40, publicado em outubro de 2015. Outras publicações das Edições Chão da Feira estão disponíveis em: [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)